



ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS DE QUALIDADE PARA ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO COM TDAH

Lucas Siqueira Silva
Pablo Henrique de Lima Santos
Rita de Cassia Moreno Barbosa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
São Paulo

Resumo

Este projeto investiga o impacto do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) no desempenho acadêmico de estudantes no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) Campus Guarulhos, com o objetivo de identificar desafios e propor melhorias nas estratégias pedagógicas adotadas. O estudo revelou que alunos com TDAH enfrentam dificuldades significativas, incluindo desafios de concentração e adaptação às metodologias de ensino tradicionais, além de estigmatização e falta de apoio adequado. A pesquisa envolveu entrevistas com a equipe sociopedagógica, questionários aplicados a professores e alunos, e uma revisão bibliográfica para entender a formação dos profissionais e as práticas pedagógicas existentes.

Os resultados indicam que, apesar dos esforços do IFSP em oferecer suporte através do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) e Planos de Ensino Individualizados (PEI), há uma necessidade crítica de aprimorar a formação dos professores e a implementação de estratégias pedagógicas específicas para o TDAH. Os docentes demonstraram algum conhecimento e aplicação de práticas adaptativas, mas a falta de formação contínua e recursos estruturados compromete a eficácia do suporte oferecido aos alunos com TDAH. O projeto destaca a importância de uma abordagem educacional mais informada e inclusiva para atender às necessidades desses alunos e promover um ambiente escolar mais acolhedor. A pesquisa enfatiza a necessidade de investimentos contínuos na formação dos docentes e na criação de recursos informativos para apoiar todos os envolvidos no processo educacional.

Palavras-chave: Neurodesenvolvimento. Educação. Apoio. Práticas. Intervenções.

Introdução

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade, conforme definido pela American Psychiatric Association (APA, 2014). Este transtorno, que frequentemente persiste na vida adulta, resulta em prejuízos significativos no funcionamento social, acadêmico e profissional. Com o aumento dos diagnósticos na última década (Presse, 2013), há uma necessidade crescente de aprofundar o entendimento sobre como o TDAH impacta o desempenho escolar e quais estratégias pedagógicas podem ser eficazes para promover a inclusão desses estudantes.

Os alunos com TDAH enfrentam diversos desafios no ambiente escolar, como estigmatização e dificuldade de adaptação às regras e métodos de ensino tradicionais (Dallanora *et. al.*, 2017). A hipótese central deste estudo é que a ausência de estratégias pedagógicas adequadas contribui para o baixo desempenho acadêmico desses alunos. A motivação para esta pesquisa surgiu da observação das dificuldades enfrentadas pelo irmão mais novo de um dos autores, que apresentava sinais de desatenção e problemas na escola, embora sem um diagnóstico formal de TDAH. Essa situação levanta questões sobre a realidade de muitas crianças e adolescentes no Brasil que vivenciam desafios semelhantes.

Reconhecido como um dos transtornos comportamentais mais comuns na infância, o TDAH exerce impactos significativos no desenvolvimento acadêmico e social. Esses desafios ressaltam a importância de uma abordagem educacional mais informada e inclusiva. A conscientização sobre o tema é crucial para combater estigmas e melhorar a qualidade de vida acadêmica dos alunos afetados. Assim, a pesquisa visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada do TDAH e propor intervenções pedagógicas que possam melhorar a qualidade de vida acadêmica desses alunos, além de promover a conscientização nas escolas sobre a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e informada.

Objetivo

Investigar as estratégias adotadas no IFSP Campus Guarulhos, para identificar fatores que influenciam o desempenho acadêmico dos estudantes com TDAH.

Metodologia

Diante dos problemas apontados pelos pesquisadores deste projeto, foi decidido que primeiro será realizada uma conversa com a equipe sociopedagógica do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) Campus Guarulhos, sobre seus conhecimentos acerca do TDAH, além de questões como: quais suas especializações contribuem para o acolhimento de alunos com TDAH, se há experiência com esses estudantes, e quais são os procedimentos/protocolos que a instituição adota em casos suspeitos ou diagnosticados.

Em um segundo momento, a ideia é questionar sobre a formação e experiências profissionais dos professores da mesma instituição, a fim de compreender de que forma encontram-se preparados para atender adolescentes com TDAH. Seguindo adiante, executaremos uma revisão bibliográfica de pesquisas já existentes sobre os mesmos assuntos, para ampliar as informações já adquiridas inicialmente e compreender melhor como a realidade educacional brasileira tem lidado com os estudantes com TDAH. Essa revisão também servirá para coletar informações sobre quais atividades realizadas com estudantes já diagnosticados existem, e como elas são realizadas em sala de aula, em outras instituições.

Desenvolvimento

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um dos transtornos comportamentais mais comuns na infância, impactando significativamente o desenvolvimento acadêmico e social. De acordo com Navas (2020), em um cenário com 48,5 milhões de matrículas na educação básica no Brasil, estima-se que cerca de 2 milhões de estudantes tenham transtornos de aprendizagem ou TDAH. A identificação precoce desses transtornos é crucial, pois podem afetar negativamente a aprendizagem.

Entretanto, o desconhecimento sobre a natureza do TDAH e seus fatores desencadeadores persiste, resultando em diagnósticos errôneos e estigmatização. Pesquisas no Brasil revelam que apenas 9% da população tem conhecimento sobre o transtorno, e muitos ainda acreditam que ele é fruto da falta de disciplina ou ausência parental (GOMES et al., 2007). Além disso, a percepção inadequada sobre o TDAH entre educadores agrava o problema, com muitos professores se sentindo despreparados para incluir alunos com o transtorno e citando a falta de estrutura das escolas como uma barreira significativa (MENDES, 2018).

Esses desafios ressaltam a importância de uma abordagem educacional mais informada e inclusiva. A literatura médica afirma que o TDAH é um transtorno biológico, e a conscientização é essencial para combater estigmas e melhorar a qualidade de vida acadêmica dos alunos afetados. Promover uma compreensão adequada do TDAH entre pais, professores e colegas é crucial para uma inclusão escolar verdadeira e eficaz.

A hipótese central deste estudo é que a falta de estratégias pedagógicas adequadas contribui para o baixo desempenho acadêmico dos alunos com TDAH, que enfrentam dificuldades de adaptação às regras e métodos de ensino tradicionais (Dallanora et al., 2017). A motivação para esta pesquisa surgiu da observação das dificuldades enfrentadas pelo irmão mais novo de um dos autores, que apresentava sinais de desatenção e problemas na escola, embora sem um diagnóstico formal de TDAH. Essa situação particular levanta questões sobre a realidade de muitas crianças e adolescentes no Brasil que vivenciam desafios semelhantes.

Diante disso, a pesquisa visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada do TDAH e propor intervenções pedagógicas que possam melhorar a qualidade de vida acadêmica desses alunos, além de promover a conscientização nas escolas sobre a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e informada.

Resultados e Discussões

Durante a entrevista com as profissionais da equipe sociopedagógica, os principais pontos abordados foram: detalhamento do processo de diagnóstico, que em regra, acontece a partir de um levantamento de hipótese em estudantes que possuem um comportamento excessivamente inquieto. A pessoa é indicada a procurar um especialista para realizar o diagnóstico e iniciar o processo. Além disso, as profissionais destacaram a necessidade de uma abordagem disciplinar, que envolva a análise de diferentes contextos por diversos profissionais. A psicopedagoga destacou que esses profissionais descartam problemas como visão ou audição, e que os psicopedagogos são especialistas ideais para auxiliar no processo.

Sobre a formação acadêmica, a psicopedagoga mencionou que, na graduação em pedagogia, o tratamento de transtornos e deficiências é superficial, e que o tema só foi abordado com mais profundidade no mestrado. A psicóloga relatou que, embora o curso de psicologia trate amplamente de diagnósticos, o contato mais detalhado com o tema ocorreu, também, no mestrado.

Quanto às experiências profissionais anteriores relacionadas ao TDAH, uma das profissionais não possui experiência na área devido ao trabalho fora do campo educacional. Em contraste, a outra profissional relatou ter trabalhado com educação infantil e conhecido uma criança diagnosticada com TDAH.

Sobre os procedimentos recomendados pelo IFSP, foi explicado que, geralmente, os próprios alunos levantam uma “suspeita”. Nas reuniões, o assunto é discutido com os professores, e a família é contatada para falar sobre o estudante. Normalmente, a família é orientada a buscar um profissional externo para acompanhamento, embora, na maioria dos casos, os alunos já apresentem um diagnóstico.

Foi mencionado que o NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais) não exige um laudo para acompanhar um estudante. Se um aluno informar qualquer necessidade especial, o núcleo busca mecanismos de apoio junto com os professores e, se necessário, é elaborado um plano de ensino específico. A família pode ser acionada para identificar características específicas que possam contribuir para o processo de readaptação.

Em relação aos desafios, a especialista identificou que o principal é encontrar formas de ajudar os estudantes com TDAH. Apesar do conhecimento sobre o transtorno, a aceitação dos professores ainda é limitada, e há um grande desconhecimento da parte deles. Portanto, o desafio é a formação dos profissionais.

Quando questionada se havia possibilidades de formação pelo IFSP para aprimoramento das habilidades dos profissionais em relação ao TDAH, a resposta foi que existe uma equipe chamada Equipe de Formação Continuada, que aborda temas semelhantes, mas que até agora não houve foco específico no TDAH. Muitos dos profissionais ainda entendem o transtorno como algo tratável apenas com medicamentos, em vez de considerar uma abordagem social.

Sobre os recursos disponíveis na instituição para alunos com TDAH, a especialista explicou que a principal dificuldade desses alunos é a questão atencional, que não é resolvida com recursos materiais, como no caso de uma impressora em braille para alguém com deficiência visual. O suporte disponível é fornecido pelo NAPNE, que oferece os suportes mencionados anteriormente.

Finalmente, sobre a conscientização e sensibilização sobre o tema para professores e a comunidade escolar, a especialista afirmou que há discussões frequentes não só sobre o TDAH, mas também sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista), altas habilidades e outros conceitos relacionados.

O segundo questionário de pesquisa foi direcionado aos professores do IFSP, que apresentou os seguintes resultados: 93,3% dos profissionais já possuíam algum conhecimento sobre o TDAH, enquanto apenas 6,7% indicaram que não tinham conhecimento sobre o tema. Sobre o nível de conhecimento dos professores, ainda sobre o TDAH, 57,1% responderam que “entendem parte da definição, com dúvidas”, enquanto 42,9% afirmaram que “entendem bem a definição e saberiam explicar o tema para outra pessoa”.

Alguns dos participantes afirmaram terem descoberto a existência do transtorno: após o diagnóstico dos próprios filhos; pela observação dos sintomas em familiares e amigos; através de leituras, treinamentos e casos vivenciados no ambiente escolar; pela convivência com alunos diagnosticados; busca por conhecimento através de estudos próprios, e a participação em práticas pedagógicas.

Outra informação descoberta foi que 100% dos docentes que responderam ao questionário marcaram “não” para a pergunta “você tem alguma formação acadêmica e/ou profissional para lidar com adolescentes com TDAH?”, e apenas 2 deles complementaram a resposta explicando que embora não possuíssem formação específica, estavam buscando por estudos particulares, e que o assunto já foi abordado em ambiente profissional.

Seguindo adiante, 80% dos professores afirmaram já ter tido experiências anteriores com alunos que possuem o transtorno. A maioria das respostas conta que rotinas e tutoriais detalhados, com ênfase na eficácia de métodos interativos e discursivos que promovem a troca entre os alunos, são utilizados, tentando proporcionar um suporte mais personalizado e menos constrangedor para os alunos. As respostas também mostram um esforço constante para compreender melhor as características do TDAH, ajustar o ritmo das atividades e avaliações, e utilizar estratégias variadas para manter o engajamento dos estudantes, da parte docente.

A pesquisa revela que 53,3% dos professores do campus relataram a ausência de recursos específicos para aprimorar suas habilidades em lidar com alunos com TDAH. Em contraste, 46,7% mencionaram ter recebido algum tipo de apoio. Entre os recursos disponibilizados, destacam-se palestras, apoio das equipes sociopedagógica, e de formação

continuada. Alguns receberam orientação específica de uma psicopedagoga contratada externamente, enquanto outros contaram com o auxílio do NAPNE para a elaboração de Planos de Ensino Individualizado (PEI). No entanto, muitos relatam que o acompanhamento oferecido foi descontinuado e fragmentado, indicando a necessidade de uma abordagem mais consistente e integrada para o suporte contínuo.

Há uma variedade de sentimentos entre os professores em relação à sua preparação para atender às necessidades desses estudantes. Enquanto alguns se sentem relativamente preparados e valorizam a importância de formações contínuas com informações científicas atualizadas, muitos expressam a necessidade de mais formação e experiência prática. Alguns professores mencionam a influência positiva de experiências pessoais ou apoio terapêutico na compreensão do transtorno. Outros destacam que, apesar do conhecimento teórico, encontram dificuldades em aplicar essas informações na prática devido à diversidade das turmas e à falta de recursos e estratégias específicas. A falta de acompanhamento profissional contínuo e a dificuldade em oferecer atendimento individualizado em turmas grandes também são pontos críticos destacados. Em geral, há um consenso sobre a importância de mais formação e suporte contínuo para melhorar a preparação e a eficácia no manejo do TDAH em sala de aula.

Os professores relatam utilizar diversas estratégias para apoiar os alunos, entre elas, foram mencionadas a concessão de mais tempo para atividades e entrega de trabalhos, o fornecimento de instruções claras e detalhadas, e o uso de vídeo aulas para revisão de conteúdo. Alguns praticam o atendimento individualizado e a adaptação do ambiente de aprendizagem, como mudar o local onde o aluno se senta ou ajustar a duração das atividades. Há também a tentativa de tornar as aulas mais inclusivas e interativas, alternando entre atividades em grupo e individuais, e oferecendo correções imediatas. Embora alguns professores já adotem essas estratégias, outros reconhecem a importância de desenvolvê-las ainda mais e buscam aprimorar suas práticas pedagógicas para atender melhor às necessidades dos alunos com TDAH.

Grande parte dos professores se sente capaz de adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos com TDAH, com respostas variando desde a confiança total até a necessidade de formação adicional para implementar essas adaptações. Muitos professores já praticam ajustes como o uso de blended learning (também conhecido como ensino híbrido) e outras estratégias adaptativas, enquanto alguns ainda esperam mais capacitação para aplicar mudanças efetivas.

Quanto à colaboração entre professores para lidar com alunos com TDAH, as respostas mostram uma variedade de experiências. Enquanto alguns relatam uma troca informal de informações e estratégias durante reuniões, outros destacam a falta de um sistema estruturado de apoio mútuo. Há uma percepção geral de que a colaboração poderia ser mais institucionalizada, mas a comunicação informal e a troca de experiências entre docentes ainda desempenham um papel importante. A ausência de um apoio mais formal e a necessidade de debates mais aprofundados sobre o tema também foram mencionadas.

No terceiro e último questionário, foram abordadas questões sobre a existência ou ausência de diagnóstico formal de TDAH, com as opções de resposta sendo: três respostas para "sim, possuo diagnóstico", quatro para "não, não possuo diagnóstico" e uma para "ainda não possuo diagnóstico, mas estou em processo médico para um possível diagnóstico". A distribuição etária dos discentes foi equitativa, com 50% dos participantes na faixa etária de 16 a 18 anos e 50% com 18 anos ou mais.

Todos os participantes estudam no Instituto Federal de São Paulo Campus Guarulhos. Em relação ao nível escolar, 1 aluno está no 2º ano, 5 estão no 3º ano e 2 estão no 4º ano. Quando indagados sobre quais matérias apresentam maior dificuldade, a química e a física, ambas com 8 menções, foram as mais citadas, seguidas por português (5 menções) e matérias técnicas, geografia e matemática, cada uma com 4 menções. História foi mencionada 3 vezes, biologia 2 vezes e inglês 1 vez.

Os principais desafios relatados pelos estudantes com TDAH incluem a dificuldade de concentração em aulas que exigem muita atenção prolongada, e quando o ritmo das explicações dos professores é muito rápido. Os participantes mencionaram que métodos tradicionais de ensino, como o uso excessivo de slides e a quantidade de lições de casa, não atendem às suas necessidades. Além disso, a falta de paciência dos professores e necessidade de se manter em movimento, também foram citadas. A maioria dos participantes (75%) acredita que essas dificuldades poderiam ser amenizadas se houvesse mais cuidado por parte da instituição escolar, enquanto 12,5% estão incertos e 12,5% acham que não.

Os relatos sobre as técnicas usadas pelos professores para ajudar alunos com TDAH a manterem o foco variam. Alguns estudantes não conhecem métodos específicos, enquanto outros destacam práticas úteis, como o envio de vídeos de conteúdo teórico para que os alunos possam se concentrar nas atividades durante as aulas, e aulas mais orais e criativas também foram mencionadas como eficazes.

A compreensão das dificuldades pelos colegas de classe varia. Muitos participantes sentem que suas necessidades não são bem reconhecidas ou compreendidas, o que resulta em uma experiência escolar negativa. Alguns enfrentam dificuldades com a falta de empatia, e a sensação de que a maioria dos alunos neurotípicos (pessoas que não possuem TDAH ou outros transtornos de desenvolvimento) não entendem plenamente as dificuldades enfrentadas pelos colegas com TDAH.

Três dos participantes relataram ter buscado ajuda na escola para questões relacionadas ao TDAH, mas não receberam o suporte necessário. Por outro lado, quatro não procuraram ajuda, e um não sabe dizer se foi ignorado ou não. A relação entre alunos e professores em relação ao TDAH é percebida como parcialmente acolhedora por três dos participantes, neutra por outros três e não acolhedora por dois. Todos os participantes acreditam que os professores não estão adequadamente preparados para lidar com estudantes com TDAH, com sete afirmando isso diretamente e um não tendo certeza.

Para melhorar a aprendizagem dos estudantes com TDAH, os participantes sugerem a implementação de atividades interativas e maior flexibilidade em avaliações, além de aulas personalizadas.

Todos os dados adquiridos convergem para a necessidade de formações profissionais mais robustas e específicas para lidar com o TDAH. Embora a psicopedagoga e a psicóloga entrevistadas reconheçam a importância da formação contínua e da abordagem multidisciplinar, a realidade prática enfrentada pelos professores e estudantes indica que a formação atual ainda é insuficiente.

Há uma relação entre a falta de suporte identificado pelos professores e a percepção dos estudantes sobre a ineficácia das práticas pedagógicas atuais. A necessidade de recursos específicos e uma abordagem mais integrada e consistente para o suporte ao TDAH é evidente. A carência de um sistema formal e estruturado de apoio é um ponto crítico que afeta tanto a preparação dos professores quanto a experiência dos alunos.

Existe um consenso entre as respostas que tratam da insuficiência de sensibilização e formação em relação ao TDAH. A falta de compreensão e apoio adequado reflete uma carência na preparação tanto dos professores quanto na percepção dos estudantes sobre o transtorno.

Diante desses resultados, foi feita uma pesquisa que indicou que é realmente necessário que os profissionais da educação tenham uma formação continuada para que o ambiente acadêmico e social desses estudantes se torne mais adequado. De acordo com Macêdo, “compete à escola procurar o apoio dos órgãos governamentais da educação no sentido de implantar políticas públicas, direcionadas à formação continuada do professor para este fim” (2016, p. 39). Ainda, “a família tem papel muito importante como também as práticas pedagógicas devem acompanhar as novas tecnologias” (Alves et. al, 2022, p. 7).

Para lidar com alunos com TDAH, é essencial identificar suas principais dificuldades e desenvolver estratégias específicas, distinguindo entre sintomas do transtorno e outros comportamentos. Estudar o TDAH e recompensar progressos gradativos são abordagens eficazes, e utilizar ferramentas organizacionais como lembretes e listas, além de envolver os alunos em sua criação, pode ajudar. A educação deve focar em resultados, evitando modelos rígidos e conversando com os pais para encontrar métodos de estudo adequados (Kestelman, 2021).

Considerações Finais

O estudo sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) no ambiente escolar revela tanto desafios quanto avanços no atendimento a esses alunos. A pesquisa identificou a necessidade de melhorar as estratégias pedagógicas e a formação dos professores. No entanto, destacou que o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) Campus Guarulhos tem feito progressos com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) e a elaboração de Planos de Ensino Individualizados (PEI). Apesar das dificuldades, muitos professores têm adotado práticas adaptativas que ajudam a melhorar a experiência dos alunos, como o uso de vídeo aulas e ambientes de prova menos distraídos.

É importante notar que a pesquisa ainda não está completa e requer análises mais profundas para uma compreensão mais abrangente do impacto das estratégias adotadas no IFSP campus Guarulhos. Além disso, a plataforma digital mencionada nos objetivos do estudo, que visa desenvolver um recurso informativo para apoiar estudantes, pais e escolas com informações sobre TDAH, ainda está em fase de desenvolvimento e não possui um corpo definitivo. O estudo ressalta a importância de continuar investindo na formação dos docentes e na integração de estratégias pedagógicas para oferecer um suporte mais eficaz aos alunos

com TDAH e promover um ambiente educacional mais inclusivo no IFSP Campus Guarulhos.

Referências Bibliográficas

ALVES, K. E. C. et. al. Formação de professores e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH): um levantamento bibliográfico. *Ensino em Perspectivas*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/> Acesso em: 09 set. 2024

ASSOCIATION, American Psychiatric. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Alegre: Artmed, 2014. p. 32

DALLANORA, A. R. et. al. A relação da escola com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade nos vales do Rio Pardo e Taquari - RS: um pensamento atual. *Psicologia em Pesquisa*, v. 1, n. 1, p. 32, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472007000100006&script=sci_abstract Acesso em: 6 set. 2024

KESTELMAN, Iane. TDAH e escolas. ABDA, 28 set. 2021. Disponível em: <https://tdah.org.br/tdah-e-escolas/> . Acesso em: 09 set. 2024.

MACÊDO, L. M. de S. Professores de Matemática nas trilhas do processo de ensino e aprendizagem de crianças com TDAH. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

PRESSE, F. Estudo aponta aumento de casos de déficit de atenção nos Estados Unidos. *Globo.com*. 01 abr. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/04/estudo-aponta-aumento-de-casos-de-deficit-de-atencao-nos-estados-unidos.html#:~:text=De%20acordo%20com%20estimativas%2C%20,%C3%BAltima%20d%C3%A9cada%2C%20segundo%20o%20NYT>. Acesso em: 6 set. 2024.